CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
REBELDES SEM CAUSAS
22 e 27 de agosto de 2026

ALICE'S RESTAURANT/1969

Um filme de Arthur Penn

Realização Arthur Penn/ Argumento Venable Herndon e Arthur Penn, baseado na canção *The Alice's Restaurant Massacree*, de Arlo Guthrie / Direcção de Fotografia Michael Nebbia / Direcção Artística Warren Clymer / Cenários: John Mortensen /Guarda-Roupa: Anna Hill Johnstone Música e Canções Arlo Guthrie Som Abe Seidman/ Montagem: Dede Allen / Interpretação: Arlo Guthrie (Arlo), Pat Quinn (Alice), James Broderick (Ray), Michael McClanathan (Shelly), Geoff Outlaw (Roger), Tina Chen (Mary-Chan), Kathleen Dabney (Karin), William Obanhein (agente Obie), Seth Allen (evangelista), Monroe Arnold (Blueglass), Joseph Boley (Woody), Vinnette Carroll (secretária), Sylvia Davis (Marjorie), Simm Landres (Jacob), Eulalie Noble (Ruth), Louis Beachner (Dean), M Emmet Walsh (Sargento do grupo W), Pete Seeger (ele próprio), etc.

Produção. Florin Corporation Produtores Hillard Elkins e Joe Manduke/Produtor Associado: Harold Leventhal / Digital, colorida, versão original legendada eletronicamente em português / Duração: 110 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

Ao longo da sua obra, Arthur Penn revelou sempre uma especial predisposição para se manter "em cima" da America, olhando e revendo a sua história e os seus mitos. Não é certamente um acaso que a sua primeira realização cinematográfica, THE LEFT HANDED GUN, seja já uma reequação de alguns dos dados fundamentais da mitologia americana, e ao mesmo tempo um olhar sobre o lugar onde essa mitologia encontrou, no século XX, uma mais sólida corporização o "western". Se Penn nunca foi um cineasta de "géneros" (nem podia ter sido, até por chegar ao cinema na época em que todo o edificio clássico se começava a desagregar) também não lhes passou completamente ao lado, mas quando fez "filmes de género" (o citado THE LEFT HANDED GUN, o celebérrimo BONNIE AND CLYDE) aproximou-se sempre com a consciência da "décalage" que existia entre o seu tempo e o tempo dos "géneros". Dai que haja sempre qualquer coisa de "crepuscular no cinema de Arthur Penn: por exemplo o final de BONNIE AND CLYDE, com a violenta morte dos dois (anti-)heróis, representa tanto o fim definitivo (ou a constatação do fim) de um cinema e de um modo de fazer cinema como a própria impossibilidade de subsistência do espirito que lhe estava subjacente O cinema de Penn nunca é um cinema inocente, e está tão consciente disso que adopta a própria "perda da inocência" como um dos seus temas fundamentais e aqui Penn até já se refere menos ao cinema do que à sociedade americana, aos seus valores e nos seus mitos.

Sendo assim, ALICE'S RESTAURANT é, de alguma maneira, um filme que Arthur Penn nunca poderia deixar de ter feito. Foi realizado em 1969, e é portanto um contemporâneo do EASY RIDER de Dennis Hopper, filme com o qual apresenta algumas semelhanças, menos na forma do que no tom e nos temas. Tal como o filme de Hopper o de Penn é uma evocação

do movimento e da cultura "hippies", feita a partir de um momento que já permitia um olhar retrospectivo e que já permitia ver aquilo em que os sonhos e as ilusões se tinham transformado. ALICE'S RESTAURANT nasceu a partir de uma canção de Arlo Guthrie, que interpreta no filme o seu próprio papel, transformando-o assim numa espécie de biografia romanceada. Arlo é o filho de Woody Guthrie, um dos maiores vultos da música "folk" americana (foi, por assim dizer, o "guru" de Bob Dylan), e uma "lenda" da contracultura dos Estados Unidos as canções de Guthrie deram voz aos deserdados da Depressão americana, e a sua figura ficou como um simbolo retornado e reivindicado por boa parte do movimento "hippy" dos anos sessenta

Mas se Arlo Guthrie é o centro do filme, Penn faz de ALICE'S RESTAURANT um pouco mais do que um mero "veiculo" para o cantor. Dir-se-ia mesmo que o que é verdadeiramente importante no filme é o que se passa em torno da sua personagem principal, cuja função se poderia resumir à condição de suporte da necessaria continuidade narrativa Penn estrutura o filme numa série de "quadros", cuja articulação vai desenhando uma espécie de retrato de conjunto do movimento "hippy", dos seus confrontos com a sociedade, dos seus sonhos e, de certa forma, da sua ideologia Penn não desdenha uma provocatória aproximação ao registo burlesco (a sequência na aula de música, quando Arlo é expulso por preferir tocar uma das suas canções em vez da peça de Brahms que o professor exigia; ou a iconoclasta visão do exército que se desprende das cenas passadas durante a inspecção para o serviço militar) que funciona também, num certo sentido, como uma espécie de "mise-en-scene jubilatória da anarquia e da alegre irresponsabilidade das personagens. Mas isso não faz esquecer (antes reforça) a sombra que se vai instalando no clima do filme, que terá o seu ponto mais sintomático no suicidio de Shelly aproximamo-nos já do "fim do sonho", momento plenamente figurado no plano final, com a solidão da personagem de Alice.

Luís Miguel Oliveira

Texto originalmente escrito em 1997.